

Numa edição primorosamente ilustrada por Elezior Xavier, e escrita principalmente com amor por Gilberto Freyre, Apipucos é tratado como parte duma cidade "viril, sereia: meio mulher". Desde Franz Post suas paisagens vêm sendo representadas, inclusive pelo primeiro fotógrafo imperial, Mestre Ferrez, que acompanhou D. Pedro II na sua viagem a Pernambuco em 1859. Nas matas de Apipucos, a pretexto de atividades cinegéticas o Imperador passou a maior parte do tempo a capturar borboletas. A ênfase comunicada a essa paisagem suburbana, "rurbana e não de todo urbanóide", é posta no seu verde, que encantou tantos olhos ilustres como Aldous Huxley, John dos Passos, Roberto Lowell, Arnold Toynbee, Lucién Febvre, Roberto Rossellini, Georges Gurvitch, Robert Kennedy, Vitorino Nemésio e Alberto Camus. Sem falar desse jardineiro-paisagista, apipuquense, Roberto Burle Marx. Visitantes ilustres, aliás, não faltaram nem faltam em Apipucos, visitantes do solar dos Freyres, onde tanta coisa preciosa há para ser vista. Embaixadores, Marajás da Índia, rabinos, escritores, scholars, poetas, ecólogos, geógrafos, editores, pintores, juristas, políticos, babalorixás, e Príncipes, como D. Pedro Gastão de Bragança. De Apipucos era Demócrito de Souza Filho, herói estudante dos idos de 1945; "toda crise política no Brasil tem tido no Recife – inclusive em Apipucos – um ponto de repercussão aguda".

Hoje a Fundação Joaquim Nabuco vem imprimindo em Apipucos uma vida nova, adaptando, renovando, conservando, velhas residências. A "Villa Anunciada" de Delmiro Gouveia – Anexo Anísio Teixeira – abriga dois Institutos da Fundação além do restaurante Pedra Bonita. A casa fronteira de D. Dolores Salgado é a sede do Departamento de Antropologia, cujo jardim ecológico merece todo o carinho do Presidente da Fundação, Fernando de Mello Freyre, que deseja incorporar também a casa dos Tassos, com seu grande terreno e suas árvores às vezes seculares, a esse conjunto cultural. Toda essa paisagem verde jaz sob a orquestração estival das cigarras, o riacho da Prata, o açude de Apipucos com suas águas tranquilas e piscosas, e constituem o pano de fundo do aglomerado rurba-no com seus belos telhados.

Rachel Caldas Lins

Fundação Joaquim Nabuco

HABERLY, David T. *Three sad races: racial identity and national consciousness in Brazilian literature*. London, Cambridge University Press, 1983. 195 p.

O autor da obra supra-referenciada é professor do Departamento de Espanhol, Italiano e Português da Universidade de Virgínia.

Trata-se de uma nova e valiosa contribuição no sentido de compreender o problema da identidade racial na formação da consciência nacional, conforme se manifesta em nossa literatura.

Devo dizer, no início desta crítica, que sempre nutri muitas dúvidas quanto à realidade do conceito das "três raças tristes". Parece-me uma noção essencialmente romântica. É muito bonita, é poética e impressiona emocionalmente, mas foge à verdade concreta da psicologia coletiva brasileira. Ela foi elaborada pela literatura brasileira do século XIX, na época em que sofriamos a influência dominante do movimento romântico europeu, particularmente o francês. A tradição de crise criadora de lamento, lágrimas, saudades, sofrimento, amor não correspondido, exílio e morte é um lugar-comum do tipo de literatura que surgiu como reação ao processo de racionalização, encetado na Idade das Luzes. Psicanaliticamente, esses sentimentos corresponderiam ao Complexo de Retorno ao Ventre materno. Não seria vão, nesse contexto, recordar a obra de Denis de Rougemont que, quarenta anos depois de publicada, ainda é válida em muitos sentidos.

Mário Vieira de Mello, em seu livro *'Desenvolvimento e Cultura*, já criticou suficientemente, a meu ver, o impacto geralmente nefasto dos modelos românticos franceses sobre o despertar de nossa consciência nacional no século passado. Como país católico, latino, fruto da Contra-Reforma, como "sociedade erótica" adolescente — não era fácil, talvez, adotarmos como alternativa os modelos calvinistas de Razão prática que conduziram à moderna sociedade tecnológica democrática americana. Na metade final de nosso século, contudo, o impacto criticável é sobretudo o da filosofia romântica ou idealista alemã, em sua versão ideológica oriunda da esquerda hegeliana.

Segundo meu ponto de vista tal como enunciado no *Em Berço Esplêndido* (José Olímpio — INL, 1972), particularmente no capítulo "Tristeza e Saudade" e no capítulo "Dom Casmurro", o problema das Três Raças Tristes pode ser abordado com proveito através de uma análise das expressões de nosso Inconsciente Coletivo, pelos métodos interpretativos da Psicologia das profundidades de Jung. Em poucas palavras, o que sugiro é o seguinte: os conteúdos de grande teor afetivo ou emocional predominam, por motivos sobre os quais não nos cabe aqui estender, em nosso "complexo" ou em nosso "caráter nacional". Com isso concordo com o que parece ser a opinião esmagadora daqueles que tentaram esboçar um "retrato" do Brasil. Esses conteúdos psíquicos, de alto teor afetivo e *cordial* (no sentido que provenientes do "coração"), anseiam por exprimir-se ou extraverter-se o que é próprio de sua natureza essencial. Quando por qualquer circunstância de origem religiosa, social ou política, não o podem fazer, cai pesadamente a melancolia, a depressão, a austera e vil tristeza. . . As figuras clássicas de tais introvertidos reprimidos são as personagens principais de Machado de Assis, especialmente o D. Casmurro, o Rubião e o Braz Cubas. Os grandes poetas românticos brasileiros estudados por Haberly e o "cisne negro" simbolista, João de Cruz e Souza, seriam exemplos reais. Quase todos morreram moços. Tragicamente ou de tuberculose. Na terra radiosa os homens, se não eram tristes, se consideravam como tal por elegância e moda, à medida que cresciam em cultura e bem-estar burguês.

Haveria, por outro lado, uma distinção a fazer entre a extroversão alegre das populações litorâneas carnavalescas, particularmente aquelas com forte mestiçagem africana, e o caráter mais fechado, mais introvertido e macambúzio

dos habitantes do sertão onde impera o tipo do caboclo. O mineiro, o jagunço correspondem a esse segundo tipo. O baiano, o carioca, o gaúcho ao primeiro tipo. Keyserling, em suas "*Meditações Sul-Americanas*" (obra lamentavelmente tão esquecida) foi o primeiro que, segundo imagino, abordou essa questão na base de uma filosofia especulativa. Impressionado embora pela expressão fechada, deslizante e ofídica do "sangue frio" das populações indígenas em nosso continente, o filósofo alemão reconheceu todavia o imenso calor afetivo e expansivo que o sangue africano confere ao temperamento brasileiro, naquelas cidades litorâneas por ele visitadas. Keyserling visitou o Brasil na época em que Paulo Prado e Mário de Andrade escreviam as obras que os notabilizaram. O contraste entre os dois tipos humanos e os dois temperamentos foi sociologicamente notado por Euclides da Cunha (o qual, no entanto, considerava "neurastênico" o mestiço litorâneo, quando comparado com a "fortaleza máscula do homem do interior) e por Gilberto Freyre.

Mas voltemos aos temas principais da obra magnífica da Haberly. Dos capítulos 1 a 3, o jovem e brilhante brasilianista estuda o "Indianismo" na literatura dos meados do século XIX, com ênfase em Gonçalves Dias e José de Alencar. Com todo o recato burguês que é exigido pelos costumes da época, nossos grandes românticos procuram simbolizar na figura heróica do índio — os timbiras, os tamoyos, o Peri de *O Guarani* — ou nas heroínas soberbas como Ceci, Iracema e Marabá, o matrimônio místico entre o homem e a terra, entre a civilização importada e a pátria nascitura. A análise de Haberly prossegue com um estudo sobre os reflexos da mestiçagem negra na obra de Machado de Assis, Castro Alves e Cruz e Souza. O tema da *Anima* transparece, dominante, na vida criadora desses autores.

Sobre a filosofia de Machado, nosso maior novelista, vale ainda salientar o impacto do darwinismo. Miguel Reale foi, quero crer, o primeiro crítico que chamou a atenção para o verdadeiro sentido do "Humanitismo" de Quincas Borba. Seria uma versão sarcástica do Darwinismo Social que preside à convivência das raças no Brasil. Haberly acredita que Machado tenha desejado contradizer o uso que do darwinismo faria a classe dominante brasileira, de cor branca, para justificar sua superioridade e seus preconceitos. Para o escritor pessimista a vida não tem vencedores. Seu gênio literário procura então despertar em nós um sentimento crítico quanto ao absurdo da teoria filosófica de Quincas Borba. Ao correr da leitura sentimos uma crescente emoção compassiva pela sorte de Rubião, muito embora o suposto relator pareça concordar com o cinismo da fórmula "ao vencedor as batatas!". Identificamo-nos assim, sem querer, com a angústia do abandono, da loucura e da morte de Rubião.

Machado na verdade não é nietzschiano, é schopenhaueriano. Um profundo ceticismo pessimista permeia seu pensamento de maneira que mais próxima estaria a declaração final de Braz Cubas — "não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria" — das próprias convicções de Machado, do que o realismo darwiniano nas teses de Quincas Borba. Como escreve Haberly sobre o papel do Humanitismo na versão satírica do Darwinismo Social brasileiro: "tanto a moralidade quanto o entendimento, de fato, estão quase que inteiramente fora do texto. Na mente e nas emoções do leitor, ele é for-

çado à conclusão que a sociedade, o mundo externo ao Si-mesmo, é inerente e perversamente imoral; e tal imoralidade não se pode justificar nem ser racionalizada”.

Haberly atribui ao “Dom Casmurro” um certo caráter autobiográfico. O estudo dos efeitos dos ciúmes, do correr do tempo e das mudanças sociais e naturais teria servido a Machado para exprimir seus próprios complexos mais íntimos. No *Memorial de Ayres*, Machado se estaria ainda contemplando a si próprio, em algum nível existencial básico, como um cativo no navio negreiro do passado nacional que é também o de seus próprios antepassados africanos. De um modo geral, nosso brazilianista descobre na obra machadiana um relampejar do espelho sóbrio de sua própria alma, como produto da mestiçagem brasileira.

De igual interesse e originalidade é o tratamento que Haberly dá ao movimento modernista e a seu “arlequim” – Mário de Andrade. O Modernismo é em um salto para fora do desespero provocado pelo choque racial. A tese do brazilianista de Virgínia me é grandemente simpática, uma vez que também na obra já citada me atrevi a sugerir uma imagem mítica algo semelhante. No meu entender, o Brasil sofreu inicialmente da tensão ambivalente entre os dois “mitos” cosmogônicos: a visão deliciosa do Paraíso Tropical e o terror pânico do Inferno Verde telúrico. A “metafísica edênica” dos ufanistas e dos românticos, dos indianistas e tropicalistas teve como contrapartida a torva casmurrice desiludida dos que na terra ingrata sofriam da tristeza da aculturação e miscigenação. As taras indelévels acarretadas pela fusão étnica, num ambiente cultural inferior, num meio social e econômico subdesenvolvido, num contexto feito de miséria, subserviência e cafajestismo, são os sintomas da tensão dolorosa entre os dois primeiros mitos antitéticos. No que chamo a “sociedade erótica”, a sociedade que Paulo Brado descrevia como contaminada de cobiça e luxúria, o homem se deprime e sucumbe, abúlico, em meio aos odores sófregos dos excessos venéreos. *Post coitum animal triste* diz o adágio latino. Da contradição dialética só há uma escapatória. É futurista e sintética e configura-se no terceiro mito cosmogônico que descrevo como o sonho do Eldorado, mito por excelência ganancioso e lúdico. É a promessa esperançosa do Novo Mundo nos Trópicos que nos anuncia Gilberto Freyre em sua sociologia. Nesse “terceiro” salvador, os modernistas procuraram a solução ao dramático dilema da nacionalidade.

O capítulo sobre Mário de Andrade com a análise do *Macunaíma* constitui um dos mais interessantes da obra de Haberly. Avançando como um psicanalista, ele tenta sucessivamente desvendar ou descriptografar os códigos da imensa selva mitológica onde Mário de Andrade movimenta o seu herói sem caráter. O código cronológico, o cosmogônico, o petrológico, o celestial, o entomológico, o epidemiológico, o racial, o sexual e o lingüístico.

Considero que Oswald de Andrade e Mário de Andrade foram tudo menos tristes. Já haviam escapado da tensão opressora dos dois primeiros mitos. Já haviam superado intuitivamente o conflito da miscigenação. Freud propôs a tese de que a função da fantasia na psique é a que permite transcender a tensão entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, de conseqüências tão funestas na geração da melancolia. *Macunaíma* é a melhor expressão literária do moleque, o arquétipo do Faceto de Jung – este garoto abandonado, adolescen-

te e representativo do "novo Adão" urbano, completamente desinibido, não-repressivo, privado de Super-Ego. A mitologia do Macunaíma configura o pandemônio dos conteúdos do Inconsciente Coletivo que se cristalizavam em imagens anárquicas — merecendo como tal interpretação analítica cuidadosa. O novo Brasil, em gestação na Paulicéia desvairada, é pluralista e tenta ultrapassar os seus complexos infantis, para fora do seio materno.

No *Menino de Engenho* descobre Haberly a tradição central da literatura brasileira dos últimos 150 anos. A metáfora fundamental (ou o que eu chamaria o motivo arquetípico central) é de novo tirada do relato bíblico do Éden. A humanidade foi expulsa do Paraíso terreno. No Brasil, sente-se exilada do Éden tropical onde inicialmente afundou no Inconsciente. Com a colonização, o homem brasileiro principiou a emergir desse bem-aventurado estado de inconsciência edênica no Berço Esplêndido. O impacto da civilização ocidental trazida pelos portugueses e demais imigrantes europeus foi traduzido, na literatura brasileira anterior a 1922, pela tristeza das Três Raças que se fundiam. A partir do movimento modernista desperta a intuição fantástica de um futuro aberto à criatividade nacional. Considero o trabalho de Haberly uma valiosa contribuição para o melhor entendimento desse quadro em que se moveu a literatura brasileira, exprimindo as dores de gestação de nossa cultura.

J. O. de Meira Penna
Universidade de Brasília

MELO, Mário Lacerda de. *O Meio-Norte*. Recife, SUDENE, CPR, Divisão de Política Espacial, 1933. 478 p. (Brasil, SUDENE, Estudos Regionais, 9).

Com esse trabalho, o geógrafo Mário Lacerda de Melo dá continuidade à contribuição que vem oferecendo, ao longo de sua carreira, para um melhor conhecimento das realidades e dos problemas do Nordeste. Sua abordagem é sobretudo geográfica, mas a temática de que se ocupa é predominantemente de natureza social e econômica.

Trata-se do resultado de mais uma pesquisa realizada sob os auspícios da SUDENE. Sua publicação faz parte da série Estudos Regionais, mantida por aquela autarquia. Série onde já figuraram dois livros do mesmo geógrafo. Em um deles, sob o título *Regionalização Agrária do Nordeste*, editado em 1978, Mário Lacerda realiza, pioneiramente, uma compartimentação agrária do espaço nordestino. No outro, intitulado *Os Agrestes*, analisa em profundidade uma das grandes regiões agrárias por ele identificadas no espaço macrorregional. E agora, em estudo com data editorial de 1983, aborda um outro grande espaço agrário nordestino, o da região por ele tida como do "sistema agropastoril extrativo de uso de recursos". Essa unidade espacial, compreendendo aproximada-